

“EMPODERE-SE! A HISTÓRIA TE FEZ FORTE!” CONSTRUINDO OS SABERES SOBRE GÊNERO NA ESCOLA

Áquila Sartori Mesquita Rocha; Maria Isabelly Macêdo Santiago

Secretaria de Educação do Estado da Paraíba

RESUMO

Nos últimos tempos a sociedade sofreu grandes transformações e uma delas foi a direção diferenciada de olhares quanto ao papel da mulher. Diante de tantos discursos sobre a representação do feminino na história, vê-se a necessidade de trabalhar com a análise desses discursos dos séculos passados, propagados pelo meio social, e seus reflexos nos dias atuais. Construir uma identidade cidadã consciente sobre a construção da representação feminina atual e entender os aspectos culturais e políticos que influenciaram essa representação. O referido trabalho foi realizado na Escola Cidadã Integral Dr. Hortênsio de Sousa Ribeiro, nas turmas de Ensino Médio, oferecida em disciplina eletiva, na cidade de Campina Grande – PB. Objetivou-se despertar a sensibilidade, o prazer pela leitura e a identificação da importância da mulher no contexto social, levando o educando a refletir sobre a temática ligada à história. O desenvolvimento desta ação pedagógica ocorreu no primeiro semestre de 2018 através da leitura de vários textos e análises de discursos sobre a mulher existentes na história. Nessa perspectiva, a partir de pesquisas, compreendemos como em diferentes momentos históricos a sociedade enxergava o comportamento feminino e criava representações para as mulheres, assim, transformando em uma desigualdade de gênero presente na cultura. O projeto obteve como resultado a produção e exposição de um ato político na escola, caracterizado por uma apresentação de um texto narrado e interpretado pelos alunos, despertando sensibilização e reflexão do público em geral acerca do preconceito de gênero na história. Um convite para combater a discriminação de gênero na escola.

Palavras-chave: Gênero, educação, escola.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetivou-se a discutir sobre gênero na escola, pois se viu a necessidade de entender como tais relações desiguais e conflituosas foram construídas ao longo da História. Destacamos que para haver o convívio respeitoso entre gêneros, seria preciso combater preconceito e discriminação presentes na escola. Dessa maneira nos propomos a problematizar os estereótipos sobre a mulher, combatendo a opressão presente na educação tradicional escolar, debatendo a temática em questão.

De acordo com a pesquisa feita pela Plan Brasil (Organização não-governamental, não-religiosa e apartidária que defende os direitos das crianças, adolescentes e jovens, com foco na promoção da igualdade de gênero, além de engajar pessoas e parceiros na causa), meninas entre 6 e 14 anos já mostram participação ativa nas atividades domésticas, em contrapartida, seus irmãos não são estimulados a compartilhar dessa responsabilidade. Dados esses, mostram que 81,4% das meninas entrevistadas responderam que arrumam a própria cama, 76,8% lavam a louça e 65,6% limpam a casa, enquanto apenas 11,6% dos seus irmãos arrumam a própria cama, 12,5% lavam a louça e 11,4% limpam a casa.

Diante dessas informações e de tantas outras, vê-se a necessidade de abordar os estudos sobre gênero na escola, pois o público escolar educado com o olhar humano à diversidade de gênero, destacando a sua importância nas relações sociais, resultará em um

aluno tolerante e capaz de combater o preconceito, assim como alguém consciente de que a discriminação é histórica e pode ser mudada, transformando assim o lugar em que ele vive e sua contribuição de responsabilidade doméstica e social.

Que lutemos por outra forma de relações sociais, em meio há caminhos, escolhas e possibilidades. Para que assim possamos nos reconhecer de fato como seres humanos, livres e iguais, para desenvolvermos nossas potencialidades. E desnaturalizando as diversas explorações e dominações, bem como tantos outros preconceitos construídos na escola e nesta maneira de sociedade capitalista. (SILVINO; HENRIQUE, 2017, p. 6)

Destarte, a escola tem a responsabilidade, com o apoio dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), de trabalhar o tema transversal da diversidade, munindo o aluno de consciência crítica e autonomia acerca de problemas que precisam ser combatidos.

METODOLOGIA

O desenvolvimento desta ação pedagógica ocorreu neste primeiro semestre de 2018 através da leitura de vários textos e análises de discursos sobre a mulher existentes na história. Nessa perspectiva, a partir de pesquisas, compreendeu-se como em diferentes momentos históricos a sociedade enxergava o comportamento feminino e criava representações para as mulheres, assim, transformando em uma desigualdade de gênero recorrente.

A temática foi planejada e trabalhada de maneira interdisciplinar pelas professoras das disciplinas de Língua Portuguesa e História, tendo como público alvo alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio, da Escola Cidadã Integral Dr. Hortênsio de Sousa Ribeiro, localizada na cidade de Campina Grande- PB, em que se desenvolveu na disciplina eletiva ofertada semanalmente nas segundas-feiras em duas aulas durante todo o primeiro semestre de 2018. O conteúdo foi previamente planejado e escolhido pelas professoras, executando de forma interdisciplinar e considerando o contexto da escola.

A turma, com 32 alunos, dentre estes 3 meninos inscritos, mas ao finalizar o período do projeto, restaram apenas 2 em meio a 30 meninas, caracterizando assim o público masculino com pouco interesse em estudar a temática.

Os conteúdos trabalhados foram seguidos por uma linha lógica e temporal para uma melhor compreensão e aproveitamento do conhecimento. Foram eles:

- O papel e discurso sobre a mulher desde a pré-história até o século XXI;
- Mulheres em destaque na história como também na literatura;
- A mulher na Ciência;
- Valores da mulher identificados na música (nos séculos XIX, XX e XXI);
- A problemática do Corpo e a mulher no contexto ocidental;
- Movimento negro e a mulher negra;
- Diferenças entre Oriente e Ocidente em relação a mulher e os direitos humanos.

A metodologia utilizada foi diversificada, pensando numa maneira clara e objetiva. Nas aulas iniciais buscamos conhecer o saber prévio dos alunos sobre a temática; as aulas foram expositivas e dialogas, realizamos rodas de conversa e dinâmica de grupo, utilizamos Data Show para trabalhar com análise de imagens, tais como: propagandas, anúncios, pinturas e esculturas que tratavam sobre mulher. Com o objetivo de problematizar os estereótipos presentes na mídia, sensibilizando os alunos à reflexão para identificar os interesses das instituições sociais na construção da representação do feminino, assim perceber como a mídia influencia nesse processo.

Utilizamos filmes sobre a temática e depois de assistirem foi iniciada uma roda de conversa e discussão para avaliar a importância e relação com o contexto atual. Os filmes assistidos foram: “As sufragistas” (2015), verificando a luta das mulheres por direitos de participação efetiva na política, incluindo o voto feminino; “Frida” (2002) para discussão da mulher na arte mundial; “Rainha de Katwe” (2016), retratando a luta de Fiona na África por seu sonho, divergindo a realidade das mulheres/meninas daquele meio social.

Sobre a questão da mulher na música, foi apresentada e discutida a representação do feminino das canções do século XIX em contrapartida com o século XXI. Destacamos mulheres representativas: Chiquinha Gonzaga (XIX), atuando como mulher a frente de seu tempo, sendo a pioneira na composição do chorinho brasileiro, mesmo sofrendo fortes preconceitos, hoje é valorizada por sua resistência e persistência; Karol Conka (XXI), cantora e compositora Rapper que apresenta em suas letras uma voz de liberdade e crítica à sociedade atual, tratando de temas de discussão políticas, sociais e de gênero.

A culminância do projeto foi realizada por todos os trinta e dois alunos atuando na encenação narrada no pátio da escola, em que contaram de forma política todos os passos dados por mulheres que lutaram por direitos hoje assumidos e conscientizando o público à valorização do papel da mulher adquirido no decorrer da história na sociedade. O público escolar, com torno de seiscentos alunos, assistiu à apresentação atento a cada detalhe, gerando aplausos calorosos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nossa cultura estão presentes frases tais como: “mulher boa é mulher calada”, “o seu corpo combina com esse tipo de roupa?”, “mulher não entende de futebol”, ou até mesmo que a mulher é incapaz de fazer certas coisas. Tais discursos são fruto de permanências e rupturas históricas, que vão construindo nossas práticas culturais, instituindo valores, conquistas, e também preconceitos. Desse modo, refletimos sobre a história das mulheres a partir das experiências que a história oficial nos “conta” até os nossos dias.

A começar pela prática da “Prima Noite”, durante o Feudalismo, em que era negado à noiva o direito de desfrutar a noite de núpcias com nosso esposo, era vítima do costume de que o Senhor feudal tinha o direito de desposá-la e expor o lençol manchado pelo sangue da sua virgindade, sangue da alegria se tornara sangue da indignação.

Durante o período inquisitorial o clero pregava que se mulheres de aparência “esquisita” ou distante do seu papel doméstico, era sinal de que éramos bruxas. Assim, deveriam ser perseguidas e queimadas vivas na fogueira; a justificativa era o pecado original, doutrina cristã que as acusava de causadoras da imperfeição humana e da existência do mal, culpadas desde o Jardim do Éden, marcadas pela violência injusta e desnecessária.

O século XIX foi marcado por revoluções na arte, na música, na política. No Brasil a mulher burguesa obteve o direito de frequentar escolas elementares, mas não instituições de ensino superior. E mesmo assim a ciência pregava que o intelecto da mulher estava localizado no útero, justificando sua “tendência natural” para a maternidade. Por muito tempo esse foi um forte argumento para que, nas famílias burguesas, as mulheres fossem educadas apenas para o casamento. Obrigadas a desenvolver dotes culinários, artísticos e musicais, para entreter o esposo. E assim pregava o Estado, que precisavam ser protegidas e que a sua independência as prejudicaria, desviando do papel social, ser a responsável pela moral da família.

Mas todas as lutas e revoluções trouxeram esperança. Os movimentos sufragistas durante o século XIX inspiraram a contestar a condição cultural de mulher calada e submissa. Juntas, tomando as ruas, era libertador, não era apenas para pedir direito ao voto, era de

também ser eleita, de poder estudar e trabalhar com igualdade de salários em relação aos homens.

A mulher e a literatura nos mostrou o quão forte e corajosa é a descrição do que passavam no decorrer da história; romances, poemas, crônicas conseguem narrar aquilo que antes era silenciado. Mulheres como Clarice Lispector que contavam ao mundo desafios psicológicos e físicos presentes no meio social. Nísia Floresta, uma das primeiras a lutar por espaço em jornais e revistas; Raquel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras; Florbela Espanca, a mulher ousada ao escrever poemas eróticos e românticos de visão feminina. Elas, como tantas outras, foram responsáveis por conquistar espaço e liberdade de expressão.

Em alguns países do Oriente Médio, os direitos femininos são cobertos por um véu, acessório muitas vezes colorido, considerado até que belo, mas não serve apenas para se proteger do Sol, ele representa limites de comportamento. E em países onde grupos radicais interferem na vida social, os direitos humanos, de igualdade perante a lei, de liberdade de opinião, de atendimento a saúde, de ter julgamento justo, de não sofrer discriminação são impedidos e o direito humano por meio do qual aprendemos todos os outros, nos é negado, a educação. Aprender a ler e escrever é combater a desigualdade, é resistir à discriminação. Que nos orgulhemos da paquistanesa Malala Yousafzai, sobrevivente de ataques de grupos Talibãs; Qual seu crime? Se manifestar contra a proibição dos estudos para as mulheres em seu país.

No corpo feminino está impregnada a imposição de um padrão de beleza influenciado pelo capitalismo e mídia, sendo submetidas a criticar o natural, deixando de se aceitar, de se reconhecer. Ao olhar no espelho deseja-se aquele padrão de beleza que são obrigadas a se adequar e muitas vezes não condiz com o biotipo, fazendo com que gere comparações e estereótipos. Mas, aos poucos, mulher, você vai perceber que é única, especial; assim do seu jeito, reinventando a beleza.

Na História existiram e existem mulheres que nos ajudaram a ser o que somos hoje, a ocupar os espaços e funções, as vezes até mais de uma ao mesmo tempo, e com certeza, causando admiração, nos valorizando. Empoderamento é conscientização e a história é a prova viva de tudo isso. Precisamos refletir sobre preconceito de gênero, e principalmente, deixar de exercê-lo, essa é a História que precisamos.

Diante de toda a discussão e abordagem teórica sobre a valorização da mulher, vê-se a necessidade de uma continuação no trabalho sobre gênero na escola, pois segundo Silvino e Henrique (2017) se nos calarmos diante dessas questões de gênero, estaremos permitindo a continuidade dos modelos tradicionais e conservadores nas relações entre sexos, intensificando cada vez mais o sistema de opressão, dominação e marginalização da mulher dentro das relações sociais.

CONCLUSÃO

A escola se constitui de grande importância na construção de educação social e formação humana. Dessa forma, o processo de conscientização e propagação do conhecimento acerca da valorização da mulher na história e toda a discussão de gênero são de grande importância. Segundo Cisne (2015), a escola, assim como, outras instituições (Igreja e família) contribuem para o desenvolvimento do processo de consciência, devem contribuir para a formação de cidadãos mais éticos. Cabendo a escola não apenas o processo de ensinar a ler ou escrever, mas também auxiliar no desenvolvimento crítico do ser humano, contribuindo para eliminação de todas as formas de preconceito.

Esse projeto foi de grande importância para a sociedade escolar, pois houve produção de saberes e conscientização sobre a valorização da luta feminina na história, em que o

objetivo principal, a escola como ambiente de conhecimento e ausente de preconceito e diferenças, foi atingido e ainda precisa de constante reforço por parte da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social**. 2ª ed. São Paulo: Outras expressões, 2015.

SILVINO, Dariana Maria e HENRIQUE, Tázia Renata Peixoto Godim. **A Importância Da Discussão de Gênero nas Escolas: uma abordagem necessária**. VIII Jornada Nacional Políticas Públicas: Maranhão, 2017.

http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/abril17/o_p_artigo_26A_17_09_2012.pdf
(Acesso em: 09/09/18)

<https://www.revistaforum.com.br/5-motivos-para-discutir-questoes-de-genero-na-escola/>
(Acesso em: 09/09/18)